



Evento	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2020
Local	Virtual
Título	Guardar e gastar dinheiro: reflexões de estudantes de uma escola estadual
Autor	ISABEL DE ARRUDA BOTELHO NAVARRO
Orientador	INES HENNIGEN

Guardar e gastar dinheiro: reflexões de estudantes de uma escola estadual

Isabel de Arruda Botelho Navarro – bolsista de IC
Inês Hennigen – Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Atualmente, estamos imersos na cultura do consumo, em meio a uma profunda desigualdade social, o crédito passando a ser um dos motores do consumo, acarretando crescente endividamento. Em função disso, concebemos uma pesquisa-intervenção, realizada com alunos de nono ano de uma escola estadual situada na periferia de Porto Alegre. Para propiciar espaço de reflexão sobre tais temas, propusemos duas rodas de conversa, das quais participaram 22 estudantes de quatorze até dezoito anos. Dos resultados, destacamos duas discussões. Em relação a dinheiro, circulou a ideia de pensar muito antes de gastá-lo, pois seria fundamental guarda-lo – mesada, trocados, de trabalhos – para pagar futuramente uma faculdade. Problematicamos esta perspectiva dos alunos de uma escola pública de periferia, que atualizam o discurso do “consumo consciente” e imaginam a privação de outras atividades como meio para atingir o sonho da graduação. Em vez de supor/reivindicar políticas públicas para educação superior, projetam o pagamento privado – a ser feito quase inevitavelmente através de créditos estudantis. Na lógica neoliberal, em vez de direito básico, a educação torna-se objeto de consumo, indo ao encontro do que Lazzarato (2017) traz sobre a produção de subjetividade na sociedade da dívida. Por outro lado, uma atividade muito valorizada por estes estudantes é ir aos shoppings e gastar dinheiro para lanchar com amigos. Conforme a “ortodoxia”, um consumo imediatista e supérfluo. Compreendemos que socializar com pares e circular na cidade são experiências que rivalizam com “fazer economia”, afinal incluir-se nos “templos do consumo” é acenado para todos, inclusive quem vive nas periferias da cidade. Defendemos que, em vez de uma educação financeira instrumental, a incorporação de discussões sobre consumo e dívida na educação escolar precisaria ser feita de modo a tensionar ideais neoliberais, questionar e propiciar novas maneiras de pensar nossa existência em meio à cultura do consumo.

REFERÊNCIA

Lazzarato, M. (2017). O governo do homem endividado. São Paulo: n-1 edições.